

MINHA HISTÓRIA COM HELOÍSA BELLOTTO: UMA CARREIRA ACADÊMICA IMPACTADA PELA ATUAÇÃO DE UMA PROFESSORA

Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano¹

Poucos dias após o falecimento de Heloísa Liberalli Bellotto, eu estava em Montevideú, retornando à Universidad de La República (UDELAR), em meu primeiro evento internacional após a pandemia da Covid-19, para participar de discussões sobre os caminhos e as possibilidades de integração entre os diversos cursos de formação da área de Ciência da Informação no Mercosul. Sentada no mesmo auditório onde, no final de 2019, durante o XIII Congresso de Arquivologia do Mercosul, Heloísa foi homenageada por sua atuação em prol do desenvolvimento da Arquivologia, na longa trajetória de quase 50 anos de atividades, foi impossível não lembrar de todo o trabalho que ela desenvolveu ao longo da vida, contribuindo para o desenvolvimento e para a integração dos profissionais ibero-americanos.

¹ Professora do curso de Arquivologia, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UNESP).



Para mim, também era impossível não pensar no que significou (e significa) Heloísa Bellotto para a minha formação e para meu desenvolvimento profissional e acadêmico. Foi a partir do trabalho da Heloísa, que nós, eu e tantos outros profissionais em São Paulo, nos aproximamos dos estudos de Tipologia Documental, como era realizado na abordagem teórica espanhola, desde a década de 1980. Foi com a Heloísa que eu entendi mais profundamente o papel dos princípios da Arquivologia e o lugar dos documentos na definição da lógica de organização dos arquivos. Foi das conversas com a Heloísa que eu construí a minha reflexão para compreender a natureza da informação orgânica, e também onde percebi como as mudanças tecnológicas impactariam as características dos documentos de arquivo, quando todos estavam muito preocupados sobre o futuro dos arquivos. Na verdade, tudo mudaria e, de uma certa forma, nada mudaria. As ações, as funções e os processos administrativos continuavam a presidir a gênese documental. Cada conversa com ela tinha uma novidade, tinha um aprendizado. E sempre, muito antes que os pesquisadores comprovassem pelas pesquisas, os conceitos base estavam ali.

Em Montevideu, foi a última vez que havíamos nos encontrado pessoalmente: logo depois a Covid impediria todos os encontros pessoais por três longos anos. Mas a primeira vez aconteceu há exatos 30 anos, em 1993.

Meu primeiro contato com a Arquivologia e depois, com a Heloísa, ocorreu ainda durante a minha graduação, no Departamento de História da FFLCH/USP. Como muitos dos meus contemporâneos, estudei História pensando em ser professora, mas durante o curso, comecei a perceber os arquivos como espaços de trabalho do historiador dedicado à pesquisa. E percebi que eu não tinha nenhum conhecimento específico sobre o funcionamento dos arquivos. Por isso, decidi cursar uma disciplina optativa - "Introdução à Organização de Arquivos" - na Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP). Essa disciplina era ministrada pela Profa. Johanna Smit e pretendia dar um panorama geral sobre os principais conceitos da Arquivologia. Foi ali que conheci a Profa. Heloísa Liberalli Bellotto, que fazia uma participação especial, como convidada para algumas das aulas, apresentando os conceitos essenciais da área e depois debatendo os trabalhos que faríamos. Essa disciplina me abriu as portas para o conhecimento da teoria



arquivística, coisa que eu sequer sabia existir naquele momento. Ali, na ECA, eu fui, simultaneamente, apresentada aos arquivos, à profissão do arquivista e a um dos maiores expoentes que a Arquivologia de São Paulo produziu ao longo dos anos. O encantamento foi instantâneo. Era ali que estava o meu futuro profissional.

A disciplina trouxe também a primeira oportunidade de trabalho: o estágio numa empresa de consultoria que implantava Centros de Memória, a Tempo & Memória, onde também trabalhava a Luciana Amaral, minha amiga de USP. Deixei o magistério de lado (já era professora efetiva da rede estadual) e parti para o mundo dos arquivos. Minhas chefes na época, Flávia Borges e Bete Totini, tinham sido alunas da Heloísa e o nome dela era repetido regularmente.

Ali percebi que o caminho da minha formação arquivística passaria pela Heloísa Bellotto, de uma forma ou de outra. O Livro “Arquivos Permanentes: tratamento documental”, publicado em 1991, já era um best seller da Arquivologia, na época. Todo mundo leu esse livro e o meu, comprado ainda em 1993, continua lá, guardadinho, mesmo que eu use mesmo a 2ª edição, de 2004. Essa foi a primeira faceta da Heloísa que eu conheci, a da autora respeitada, da teórica da Arquivologia que, ao longo dos anos, moldou o meu pensamento arquivístico, junto com as Profas. Ana Maria Camargo e Johanna Smit, não à toa, sempre juntas em muitos projetos.

Durante alguns anos, eu trabalhei, assisti oficinas e eventos. Mas a aproximação real, com a pós-graduação e com a Heloísa, aconteceu em 1999, quando eu consegui liberação no trabalho para assistir ao curso de “Especialização em Organização de Arquivos”, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Na ausência de cursos de graduação em Arquivologia no Estado de São Paulo, a formação dos profissionais acontecia no “curso do IEB”.

Ali estava outra faceta da Heloísa Bellotto que eu conheci, a professora dedicada à criação e à melhoria dos cursos de formação ao redor do país. Naquela época, o curso acontecia em parceria entre IEB e ECA e tinha como coordenadoras, a Profa. Heloísa, a Profa. Johanna Smit e a Profa. Yêdda Dias Lima. Em um semestre, com aulas de segunda a sexta, das 8h0 às 17h00, o “IEB” era uma imersão importante na teoria arquivística, como eu nunca mais vivi na Arquivologia. O curso estava estruturado dessa forma



porque, assim, conseguia atender pessoas de outros locais que jamais poderiam acompanhar um curso semanal, ao longo de dois anos. Como era comum, na minha turma havia alunos de São Paulo, da capital e do interior, do Paraná, de Brasília.

A Heloísa tinha trazido para o IEB a experiência de outros cursos em que havia sido professora, na UNB, na UNIRIO, e também nos muitos projetos de implantação de centros de documentação e arquivos permanentes ou de treinamento de equipes destes locais, isso sem contar a experiência no exterior, iniciada com as especializações que fez na Escuela de Documentación de Madrid, na Espanha e nos Archives Nationales da França, ainda na década de 1970 e, depois, em 1987, no National Archives and Records Administration (NARA) dos Estados Unidos - além das muitas colaborações com escolas e projetos internacionais que se seguiram. Além das disciplinas clássicas do processamento técnico - classificação, avaliação, descrição, conservação - havia aulas de Direito, Teoria da Administração, Paleografia e outras ligadas às políticas arquivísticas, como jurisdição e acesso e difusão cultural, que deram feição à formação arquivística brasileira. No IEB, ela foi minha professora nos módulos de "Terminologia Arquivística" e "Diplomática". Mas também foi professora de "Fundamentos da Arquivística" em outras edições do curso. E nos anos seguintes foi minha professora em oficinas da ARQ-SP de Diplomática e Tipologia, além dos muitos eventos e encontros em que eu a assisti e pude debater com ela.

Terminado o curso do IEB, comecei a pensar na possibilidade de prestar a seleção para o Mestrado no Programa de História Social da FFLCH/USP. Na Linha de Documentação e Historiografia havia um lugarzinho para a teoria arquivística. No final de 2000, conversei com a Profa. Ana Maria Camargo e contei minha história. Eu tinha interesse em pesquisar tipologia documental e estava trabalhando num projeto da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, organizando a documentação da Assembleia Provincial (1824-1889)² e percebi que não havia estudos consistentes sobre a tipologia documental do Legislativo, que subsidiassem a compreensão e a organização dos acervos.

² Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Guia do Acervo Histórico**. Disponível em: <https://app.al.sp.gov.br/acervohistorico/publicacoes/guia-do-acervo-historico-2001/>



Terminei de falar e a Ana Maria me respondeu: - “Mas isso é um projeto para a Heloísa! Vou falar com ela e você vai se candidatar ao mestrado”. E assim foi. Assim eu conheci a faceta orientadora da Heloísa. Ela me recebeu, me emprestou tudo o que ela tinha e que pudesse me servir, me ensinou a estruturar o trabalho, comentou e deu ideias sobre os capítulos, acompanhou com curiosidade cada tipo documental analisado, inclusive, porque conhecia o acervo da Assembleia, por ter assessorado a equipe alguns anos antes. Tudo isso regado a café, biscoitos e doces que ela sempre fazia para receber os orientandos. Desse contato, saiu minha dissertação: *Gênese documental no legislativo do Império: o caso da Assembleia Provincial de São Paulo*³.

Nesse tempo, durante o mestrado, sabendo da minha experiência com arquivos empresariais (já se iam mais de dez anos trabalhando em arquivos de empresas), a Heloísa me perguntou se eu não queria montar uma disciplina sobre documentação empresarial para o curso do IEB e me disse: “Sabe, eu fiquei pensando, em Madrid⁴ há uma disciplina que apresenta os tipos documentais mais relevantes das organizações; a Ana Maria me conseguiu um livro da Louise Gagnon-Arguin⁵ que analisa tipos documentais institucionais. Acho que podíamos fazer algo assim no curso. O que você acha?” Gente! O que eu podia achar? Foi sensacional! Tirei uma cópia do livro, montei a disciplina, e acabei montando uma oficina, a pedido da Associação de Arquivos de São Paulo (ARQ-SP): “Como organizar Arquivos Empresariais” - que acabou virando minha primeira publicação fora dos eventos: o livreto “Arquivos de empresas: tipologia documental”⁶.

Um dia, ainda antes da defesa do mestrado, conversando com a Heloísa, quando soube que a ARQ ia publicar o texto, ela vira e me diz: “Você percebe que aí está o seu projeto de doutorado, não é? Pois guarde esse material, continue estudando, amplie,

³ PAZIN, M.C.C **Gênese documental no legislativo do Império:** o caso da Assembleia Provincial de São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP (Dissertação). Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082006-084715/pt-br.php>

⁴ Universidad Carlos III de Madrid. Máster de Formación Permanente en Archivística: programa. Disponível em: <https://www.uc3m.es/master/archivistica#programa>

⁵ GAGNON-ARGUIN, Louise. **Typologie des documents des organizations:** de la création à la conservation. Québec/CA: Press de L'Univeristé du Québec, 1998.

⁶ PAZIN, M. **Arquivos de empresas:** tipologia documental. São Paulo: ARQ-SP, 2005.



aproveite que não temos nada similar no Brasil e coloque esse projeto em prática. Na realidade, ela percebeu que esse projeto seria uma evolução natural, tanto da minha atividade profissional, quanto da minha pesquisa acadêmica. Eu já estudava tipologia documental, o trabalho seria aplicar a teoria a um ambiente que eu conhecia muito bem, o ambiente empresarial - ou as organizações privadas - como definimos depois, e criar uma referência para outros estudos que viessem. Não poderia ser melhor, aliar teoria à prática, coisa que sempre acreditamos, ela e eu.

Assim aconteceu. Fiz a tese⁷, tive todas as dificuldades que um doutorando que continua trabalhando simultaneamente pode ter, mas consegui o doutoramento e no meio disso, recebi o maior elogio da minha vida profissional, vindo da Heloísa. Conversando um dia, já no final, sobre a aplicação dos conceitos numa das seções da pesquisa que tinha dado certo, de repente ela me diz: “Marcia, isso parece fácil agora, mas não é. Isso é porque você tem uma cabeça arquivística!”. Acho que a Heloísa nunca teve a dimensão do que significou ouvir aquilo dela. Ali eu entendi que eu poderia continuar e ressignificar minha carreira profissional.

Mas é importante dizer que a Heloísa era mais do que a professora, a orientadora, a teórica reconhecida... Por isso, para finalizar, aí vai uma das muitas historinhas que todos nós, que conhecemos a Heloísa, temos para guardar.... “A história do meu nome, ou... uma pessoa curiosa”.

Eu não lembro exatamente quando esse caso aconteceu. Mas certamente foi nos últimos anos, acredito que perto de 2017. Nós nos encontramos em algum evento. Animadíssima, a Heloísa me contou que tinha visto uma placa, dessas de indicação de cidades, com o meu nome. “Eu estava viajando com a minha neta, numa dessas excursões, passando pela Croácia. De repente, numa parada, lá estava a placa: ‘Pazin - tantos quilômetros’. Você sabia disso? Conhece essa cidade? Tem alguma ligação familiar?” Obviamente, eu não sabia. “Pois vá procurar, porque é muito diferente. Deve ter alguma coisa aí”. Havia um brilho de curiosidade nela! Uma juventude, aos 80 e tantos

⁷ VITORIANO, M.C.C.P. **Obrigação, Controle e Memória:** aspectos legais, técnicos e culturais da produção documental de organizações privadas. São Paulo: FFLCH/USP, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082012-090854/pt-br.php>



anos! Bem.... Pensei: que coisa estranha... Meu avô veio do Vêneto, nascido em Treviso. Sempre achamos que era nome italiano. Fui lá olhar no mapa.... Pazin é uma cidade no centro da Ístria, uma península no lado leste do Mediterrâneo, pertencente ao território da Croácia, mas que fica a menos de 240 km de Treviso, de carro, dando a volta. De barco, em linha reta, metade do caminho... Sabe-se lá o que pode ter acontecido com nossos antepassados. Pouco tempo depois, um "Pazin" croata me encontrou no Facebook. Estava procurando parentes perdidos pelo mundo. Eu disse que não tinha conhecimento de relações no país, que meu avô era italiano, assim como os antepassados de que tínhamos notícias. Ele me disse que Pazin é um nome muito comum na região, uma espécie de "Silva" e que havia muitos espalhados pelo mundo. Conteí essa história para a Heloísa, ela adorou, e prometi a ela que um dia faria esse caminho. Não deu tempo. Mas, um dia, eu vou. Um grande beijo, Heloísa.

REFERÊNCIAS

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Guia do Acervo Histórico.**

Disponível em: <https://app.al.sp.gov.br/acervohistorico/publicacoes/guia-do-acervo-historico-2001/>

GAGNON-ARGUIN, Louise. **Typologie des documents des organizations:** de la création à la conservation. Québec/CA: Press de L'Univeristé du Québec, 1998.

PAZIN, M. **Arquivos de empresas:** tipologia documental. São Paulo: ARQ-SP, 2005.

PAZIN, M.C.C **Gênese documental no legislativo do Império:** o caso da Assembleia Provincial de São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP (Dissertação).

Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082006-084715/pt-br.php>

Universidad Carlos III de Madrid. **Máster de Formación Permanente en Archivística:** programa.

Disponível em: <https://www.uc3m.es/master/archivistica#programa>

VITORIANO, M.C.C.P. **Obrigação, Controle e Memória:** aspectos legais, técnicos e culturais da produção documental de organizações privadas. São Paulo: FFLCH/USP, 2012.

Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082012-090854/pt-br.php>

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.

